

APRENDIZAGEM SUBLIME: APRENDIZAGEM PARA A SABEDORIA

[Vladimir Dimitrov](#)

Universidade de Western Sydney

v.dimitrov@uws.edu.au

Tradução e adaptação: **Júlio Torres**¹

Introdução

Aprendizagem Sublime é a aprendizagem para viver em harmonia com as dinâmicas do *Universal* – as energias e forças, cuja interação incessante sustenta o *continuum* e a integridade da plenitude existencial. Todo ser humano é uma corporificação dessas energias e forças; elas manifestam seus ilimitados potenciais por meio de cada um de nós. Enquanto dotados com a habilidade de sermos conscientes sobre nós mesmos, nós podemos estar conscientes delas trabalhando dentro de nós e dando suporte às nossas atividades físicas, assim como à emergência e interação das nossas emoções e sentimentos, pensamentos e ideias, crenças espirituais, sonhos e aspirações. Uma vez conscientes delas, nós somos capazes de aprender como potencializar e guiar seu poder inexaurível bem como usá-las para a expansão da nossa consciência.

As dimensões da vida humana refletem e expressam as dimensões da existência. Na medida em que a existência é atemporal: sempre foi, *é*, e sempre será, a vida humana também deve ter dimensões atemporais – dimensões que não perecem no fim físico da vida de alguém; nós nos referimos a elas como dimensões *aiônias* (da palavra grega *aionios* que significa “eterno”).

Para os grandes pensadores da Grécia Antiga, como Pitágoras, Sócrates e Platão, assim como para muitos outros pensadores que viveram em diferentes lugares no mundo antigo, estava claro: se alguém não pode revelar nada na vida que esteja além da morte, tal vida parece fútil. Todos os esforços ao longo da vida, que alguém aplica devotadamente para aprender e crescer em inteligência parecem completamente sem sentido, se a morte tiver o poder de destruir instantaneamente e para sempre os frutos desses esforços. A natureza dotou os seres humanos com a *autoconsciência* – uma capacidade sublime de estar consciente do desdobramento das suas vidas, de ser capaz de estudar as dinâmicas – as energias, forças, mudanças e transformações, que guiam esse desdobramento, para reconhecer, guiar e aplicar o gigantesco poder de autossustentação dessas dinâmicas; é difícil de acreditar que tal capacidade única, criada ao longo de milhões de anos de evolução, possa aniquilar-se com a desintegração da composição material do corpo.

Os antigos pensadores estavam convencidos: os seres humanos são expoentes de algo superior, algo que se expande para além do plano físico da existência. Mas eles também entenderam que a emergência de visões genuínas sobre as dimensões aiônias da vida precisa de preparação, que demanda esforços persistentes do próprio indivíduo; é somente o indivíduo que é responsável pela sua própria vida – por estudar, entender e gerenciar seu desdobramento. Ninguém pode viver ou entender a vida de outro.

Os pensadores da Grécia Antiga consideravam a alma e o espírito humanos como os portadores de dimensões aiônias da vida. A convicção de Platão na natureza espiritual da alma era tão inabalável quanto a de Sócrates. A alma, de acordo com Platão, tem três projeções: a racional, que reside na cabeça; a colérica (o assento da coragem), que reside no coração; e a apetitiva (o assento do desejo), que reside no abdômen. Sócrates considerou a alma humana como possuída de conhecimento latente, que seria realçado e elucidado por um tipo especial de questionamento que ele chamou de maiêutica (da palavra grega *maieuticus* que significa “obstetrícia”) – um questionamento nas profundezas da natureza mais íntima de alguém. Seu apelo “Conhece-te a ti mesmo!” foi (e é) uma ordem para aqueles que tentam entender os enigmas da vida. Para Aristóteles, a alma era pensada como a essência de todo o corpo vivo; sem a alma o corpo é apenas potencialidade, e é a alma que ativa essa potencialidade.

¹ José JÚLIO Martins TORRES – Site: www.teoriadacomplexidade.com.br – E-mail: jjmtorres@gmail.com

A Aprendizagem Sublime é coerente com o legado dos pensadores antigos: *é somente por meio da aprendizagem sobre nós mesmos que podemos desenvolver a consciência sobre a essência aiônia das nossas vidas*. Nós somos os portadores dessa essência; ela se expressa continuamente por meio dos eventos das nossas próprias experiências. Em paralelo com o aperfeiçoamento da nossa habilidade de:

- ver o que une os eventos experienciais,
- reconhecer padrões similares ou recorrentes no seu desdobramento, e
- descobrir o ritmo no qual os padrões encontrados emergem, dissolvem-se e reaparecem,

nós nos movemos em direção ao entendimento da *essência* aiônia escondida além da manifestação exterior da vida, a *fonte* aiônia que energiza as dinâmicas da vida, e o *centro* aiônio com o qual a trajetória de cada vida pode estar conscientemente conectada, caso seu “dono” se esforce para que isso aconteça.

No seu livro “Meditação Criativa”, Govinda diz: “o que chamamos de eterno não é uma duração infinita de tempo (que é meramente uma construção do pensamento não relacionada com qualquer experiência), mas a experiência de atemporalidade” (Govinda, 1977). A Aprendizagem Sublime é a aprendizagem para experienciar a atemporalidade, para preencher as nossas mentes com o sentimento profundo “oceânico” de ser um com as dinâmicas autopropulsionadoras da existência, ser um com tudo que *é*. Tal profunda experiência de atemporalidade pode acontecer somente quando alguém é bem-sucedido em dissolver as fronteiras entre si (onde o ego é o chefe) e o Universo, quando para de se ver a si mesmo como uma mera entidade mortal desconectada do ritmo existencial aiônio, mas, sim, um “fractal” do todo, em outras palavras: experienciar a si mesmo como realmente *é*: microcosmo aiônio do infinito existencial do *Universal* que tudo engloba.

Similarmente às projeções de Platão da alma humana, as dimensões aiônias têm três projeções no corpo físico: mental (na cabeça), emocional (no coração) e física (no intestino). O que as une e as mantém trabalhando ou, como Aristóteles disse, “ativa seus potenciais” é a alma; o que pode conectá-las com a essência aiônia do *Universal* é o espírito. Na abordagem da Aprendizagem Sublime, as palavras “alma” e “espírito” estão além da definição; elas são empregadas para denotar algo essencial em nós, algo central para a nossa humanidade, algo vital para energizar a nossa jornada da vida, apesar do conhecimento de que, na última parada dessa jornada, a morte irá engolir todas as três projeções físicas da essência aiônia da vida. A Aprendizagem Sublime nos libera do medo da morte porque esclarece formas de nos conectarmos com algo que está além da morte.

A Aprendizagem Sublime pode ser vista como a aprendizagem para sublimar o conhecimento em sabedoria. Nós geramos e executamos o processo de conhecimento por meio das nossas mentes, mas as mentes não são suficientes para nos levar ao caminho da sabedoria. A mente pode ser facilmente aprisionada em dogmas e preconceitos, distraída por desejos passageiros, direcionada para a realização de objetivos egoístas, manipulada e passar por lavagem cerebral por parte daqueles que possuem posses econômicas e poder político na sociedade. É a mente humana que está embutida nas tecnologias avançadas de hoje para destruição em massa, para matar uns aos outros em guerras infundáveis e banhos de sangue. A capacidade da mente de raciocinar, embora possa parecer desenvolvida, não pode nos ajudar a lidar com as crises ecológicas e sociais dos nossos dias – crises que, de acordo com alguns pesquisadores, irreversivelmente apontam na direção da destruição da humanidade.

Diferente do conhecimento, a sabedoria prospera na sinergia da tríade mortal corpo-mente-corção com a dupla aiônia alma-espírito, na qual essa dupla (não interessa que falte explicação dos especialistas científicos) é central para a nossa existência. Em escrituras hindus o pensador refere-se à dupla alma-espírito como “o observador não visto, o ouvinte não ouvido, o pensador não pensado, o conhecedor não conhecido, *O Eterno* no qual a vida é construída e que é construído nela”. A sabedoria tece junto com o corpo vivo do indivíduo a lógica da mente e a paixão do coração com os

anseios da alma e a força do espírito, e assim, o ajuda a se mover para além das limitações físicas do corpo.

Aprendendo a Resolver Problemas

Na sociedade de hoje, a aprendizagem é primeiramente direcionada para a geração e execução de processos de vários tipos de conhecimentos especializados que objetivam à tomada de decisão e à resolução de problemas. Esse tipo de aprendizagem está centrado na mente (conhecimento conceitual) e no corpo (habilidade prática), e depende crucialmente no desenvolvimento da habilidade dos aprendizes de pensarem de forma racional, de analisarem e sintetizarem, de extraírem e estudarem os relacionamentos de causa e efeito, de gerarem hipóteses e testarem-nas experimentalmente, de tirarem conclusões lógicas e dominarem habilidades para executarem certas ações.

O processo de projeto, implementação, desenvolvimento e inovação de sistemas artificiais que sempre crescem em número e diversidade, requer uma grande quantidade de conhecimento especializado e, assim, os educadores, na sociedade, mantêm-se ocupados empacotando-o e espalhando-o. Quanto mais fundo nós imergimos nós mesmos nesse tipo de conhecimento, mais estreito torna-se o nicho para pesquisarmos sobre nós mesmos, menos capazes somos de ouvir e entender a sutil voz da nossa natureza interior e distingui-la dos barulhos do exterior. A maioria das pessoas perdeu a habilidade de decifrar as mensagens que os eventos do dia-a-dia das suas experiências transmitem aos seus corações e almas, ou os símbolos do *Universal* descritos e interpretados nos livros sagrados dos pensadores antigos.

Exemplo 1 – No jornal local australiano “Penrith Press” de 27.04.2004, nós lemos que “um relatório nacional recentemente produzido por Macquarie Federal Liberal MP K. Bartlett inclui 41 recomendações sobre como os jovens poderiam ser mais bem preparados na escola para o seu emprego escolhido”. *Learning to Work (Aprendendo a Trabalhar)* é um programa conduzido pela Casa de Representantes do Comitê de Educação e Treinamento, dirigida pelo Sr. Bartlett. O artigo continua a convencer os leitores de que a aprendizagem para o trabalho “deve ser uma parte obrigatória do currículo central” em todas as escolas. O sistema de educação na sociedade não quer ensinar aos estudantes como viverem de uma forma completa – saudável e autorrealizadora; *O Sistema* não ensina aos estudantes como experienciar a alegria de estarem vivos, como viverem em harmonia com a natureza e uns com os outros, como crescerem em sabedoria e em espírito. O Sistema estabelecido quer que eles estejam preparados para trabalhar por toda a sua vida como escravos, fazerem os ricos mais ricos, enquanto eles ficam sobrecarregados com dívidas, injustiça social, problemas ecológicos, guerras e doenças. Pode alguém imaginar escolas onde os jovens são introduzidos à Aprendizagem Sublime? Ou não haveria professores para tais escolas, pois os professores no *Sistema* também foram ensinados somente a como trabalhar e não a como viver?

Exemplo 2 – A atitude prevalecente da sociedade de hoje para com a saúde humana é mecanicista: se você não se sentir saudável, vá aos médicos e eles “resolverão os problemas” da sua saúde e “a consertarão”. A sociedade continua a espalhar essa ilusão, pois existem fortes forças econômicas por trás disso: as corporações farmacêuticas multinacionais fazem uma quantia inacreditável de dinheiro oferecendo a eles “ferramentas” para resolverem seus problemas de saúde. Infelizmente, a saúde não é uma máquina para ser consertada; ela é uma expressão complexa da vida de alguém com muitas dimensões: individual e social, física e emocional, mental e espiritual. Sem desenvolvermos a nossa habilidade natural inerente de autocura e fazendo-a funcionar, nenhuma medicina pode consertar nossa saúde. Quanto mais intensamente usamos drogas médicas, mais viciados nos tornamos em relação a elas. Quanto mais viciados nós nos tornamos, mais sérios são os seus efeitos colaterais difíceis de se prever nos nossos organismos. O pior é o efeito de dormência que qualquer substância química “curativa” exerce no nosso potencial de autocura; eventualmente, o uso de medicamentos destrói irreversivelmente esse potencial. A sociedade parece precisar de especialistas para a manufatura e prescrição de drogas médicas da mesma forma que necessita de especialistas em computadores, robôs, tecnologias militares e cósmicas, engenharia genética, extração de recursos naturais, negócios, comunicação etc.

Quando especialistas e autoridades interpretam a nossa realidade por nós, fica fácil para as pessoas “enterrarem o seu equipamento de navegação que permite que elas se movam autenticamente ao longo da vida” (Somerville, 2004).

A sociedade precisa de especialistas, mas não de pessoas de sabedoria. Como visto na história da humanidade, se alguns indivíduos, de todo coração, persistirem em conseguir a sabedoria e a verdade, a sociedade os condena às estacas, crucifica-os, apunhala-os pelas costas ou mata-os com armas de fogo. As pessoas iluminadas são vistas como uma ameaça para a elite que possui e exerce o poder no Sistema estabelecido. Sempre foi mais fácil para a elite lidar com especialistas em campos acentadamente fragmentados do conhecimento (recompensá-los generosamente, se eles servirem ao Sistema estabelecido e puni-los severamente, caso eles resistam a fazê-lo) ou com hordas de pessoas escravizadas economicamente, estressadas, amedrontadas, doentes, viciadas ou simplesmente ignorantes do que com aqueles que têm um amplo e profundo entendimento da realidade e buscam ver a verdade, revelar os atos de manipulação e de injustiça social, para confiarem no poder da sua própria vontade, intuição e espírito.

Enquanto o processo de educação na sociedade estiver sob a supervisão do Sistema estabelecido, ele se assemelha a uma *lavagem cerebral cientificamente informada*, que, em vez de estimular a vontade dos humanos para desenvolver sabedoria, ensina-os como melhor se enquadrarem aos requisitos do Sistema estabelecido, para seguirem suas regras e permanecerem mesmerizados por todos os tipos de imagens sem significado e sem sonhos de felicidade centrada no consumo.

Os aprendizes, que cegamente seguem as instruções do Sistema estabelecido e contribuem com sua perpetuação e reforço, nunca podem se tornar sábios.

Sem estar consciente e sem estar se protegendo contra as influências destrutivas e ilusórias da sociedade, uma pessoa não pode acionar a transformação do conhecimento para desenvolver sabedoria.

Condições Necessárias para a Aprendizagem Sublime

O “grau de energia” dos nossos potenciais interiores, expressado por meio do grau de desenvolvimento da nossa conscientização (consciência, vigilância, sensibilidade), deve ser alto o suficiente para tornar possível a Aprendizagem Sublime. Como podemos medir o grau da nossa conscientização e assim saturar nossos potenciais interiores com energia criativa?

As técnicas antigas de concentração e de meditação contribuem significativamente nesse empreendimento. Quando aprendidas sob a orientação de avançados mestres e praticadas persistentemente, essas técnicas resultam na emergência de visões criativas inspiradoras e ajudam os praticantes a experienciarem sua conectividade com a inexaurível fonte de energia criativa do *Universal* sustentadora da vida.

(1) Praticar as técnicas de concentração interna e de meditação é a primeira condição necessária para a Aprendizagem Sublime

Como apontamos na Introdução, o conhecimento sempre está sob influência da mente, e a mente é suscetível à ilusão, manipulação e lavagem cerebral. A mente é superada pela ilusão da identificação com o *ego*, pois o principal objetivo da mente é proteger o ego do indivíduo e satisfazer seu apetite por reconhecimento e poder, assim como para experienciar conforto e prazeres. A mente olha a realidade através das lentes de como melhor servir ao ego e responder aos seus desejos e às suas ambições que emergem continuamente. Quanto mais profundo a mente de alguém imerge no egoísmo, menor é a habilidade da pessoa para ver e experienciar a realidade na sua plenitude vibrante.

Quando alguém está consciente das armadilhas do ego e determinado a evitá-las, esse alguém está no caminho para destruir o poder dominante do ego sobre a mente ([Brunton](#), 1989). Isso leva à liberação de uma quantidade significativa de energia que, quando embutida em ações altruístas dos indivíduos, estimula seu crescimento em sabedoria.

(2) Liberar a mente do poder dominante do ego é a segunda condição necessária para a Aprendizagem Sublime.

Com um entendimento mais profundo de nós mesmos, o fator de motivação para as nossas reações à injustiça, à opressão e à exploração na sociedade não são mais o ódio e a vingança, mas buscar a verdade e a igualdade, assim como a prontidão para ajudarmos aqueles que sofrem as injustiças sociais.

As mudanças que criamos nas nossas dinâmicas internas são capazes de acionar mudanças no nosso ambiente. Um coração cheio de amor evoca amor nos corações dos outros; uma mente cheia de bem traz mudanças construtivas na vida da comunidade; uma alma cheia de inspiração irradia inspiração nas almas dos outros. Nós somente poderemos trazer paz e harmonia ao mundo ao nosso redor se as tivermos em nós mesmos. O oposto também é verdade – uma personalidade estressada e tensa emana estresse e tensão; uma mente ignorante não pode ajudar aqueles que buscam entendimento e sabedoria.

O amor expressado genuinamente e iluminado pelo espírito de uma pessoa amável e carinhosa faz milagres: fluxos de energia, para a natureza para a qual a ciência não tem explicação, generosamente chovem a cântaros no coração dessa pessoa e revitalizam o seu corpo, sua mente e sua alma. Num dos seus maravilhosos poemas devotados ao amor, [Rumi](#) escreveu: “O amor é o elixir energizador do Universo, a causa e o efeito de todas as harmonias”.

Quando os pensamentos e os sentimentos estão saturados com amor incondicional genuíno – o tipo de amor que as forças criativas da natureza exercitam na direção de tudo que elas trazem à vida, – a mente está livre da compreensão egoísta do ego, e as influências destrutivas e ilusórias da sociedade não podem entrar no coração da pessoa para sufocar as ondas de inspiração que ela irradia.

A experiência de êxtase, de unicidade com a força criativa da natureza, que o amor evoca, pode ser comparada com a felicidade experienciada num estado de profunda meditação.

(3) Amor incondicional genuinamente experienciado é a terceira condição necessária para a Aprendizagem Sublime.

O amor iluminado por aspirações espirituais genuínas e pela fé não é apenas o mais poderoso catalisador para a Aprendizagem Sublime, mas tem o poder para revelar, para um coração imerso no amor, a luz que é irradiada das dimensões aiônias da vida humana.

Apesar de invisíveis, as forças aiônias da alma sustentam a integridade dos nossos corpos, injetam inspiração nos nossos pensamentos e sentimentos, nos mantêm conectados com o ritmo do Universo por meio das pulsações de cada célula, enchem nossas vidas com misteriosas coincidências (sincronicidades) e acontecimentos, projetam nossos sonhos quando nós dormimos e criam fenômenos únicos na nossa experiência que a ciência de hoje é incapaz de explicar.

Os corações e almas dos humanos estão abertos para sentirem e experienciarem o poder ilimitado do espírito. A forma de nutri-lo é por meio de práticas espirituais livres de dogmas religiosos pré-impostos.

(4) Nutrir o espírito é a quarta condição necessária para a Aprendizagem Sublime.

Efeito de *Bootstrapping* (reinicialização; iniciar por si mesmo) da Aprendizagem Sublime

Quando estamos aprendendo a entender um objeto desconhecido (um fenômeno, um processo, um evento experiencial), nós tentamos nos mover para além da imprecisão (incerteza, indefinição, ignorância) daquilo que sabemos (ou não sabemos) sobre esse objeto, usando as descobertas de outros pesquisadores e nosso próprio estudo.

Se nós nos estudarmos, nós confiamos no nosso conhecimento sobre nós mesmos para nos movermos para além da imprecisão embutida nesse conhecimento. E não existe outra forma de nos movermos para além da imprecisão, a não ser usando o nosso próprio conhecimento, isto é, o conhecimento

caracterizado pelo mesmo grau de imprecisão. Então, *o processo de entendermos a nós mesmos, que está no centro da Aprendizagem Sublime, é um processo de percepção de um procedimento autorreferencial – uma “reinicialização” da imprecisão, isto é, reinicializar a própria imprecisão e mover-se do próprio grau de entendimento e conhecimento para outro grau (presumivelmente, superior ao grau de onde a imprecisão se move). O desafio é criar condições, que facilitem essa reinicialização.*

A habilidade dos aprendizes de criarem condições para a imprecisão “inicializar-se” espelha o grau até o qual eles foram bem-sucedidos em sublimar o seu conhecimento em sabedoria. Quanto maior for esse grau, isto é, quanto mais profundo e amplo for o entendimento de alguém (conhecimento, experiência, pensamento, sentimento) mais “energética”, ativa e flexível será a imprecisão e será mais fácil para o aprendiz fazê-la se mover e mudar – encolher ou expandir, acelerar ou diminuir de velocidade, “endurecer” ou “amolecer”, transformar-se e transcender ([Dimitrov e Hodge, 2002](#)). Estudando a imprecisão – suas fontes, suas causas e seus fatores que afetam sua resiliência, alguém é capaz de encontrar como ativar sua reinicialização.

Quando dizemos que a imprecisão do nosso conhecimento se moveu para outro grau, isso significa que o nosso entendimento também se moveu para outro grau, e o que parecia impreciso e incompreensível para nós naquele grau, de onde a imprecisão se moveu, tornou-se claro e compreensível. Claro, isso não significa que não existe mais imprecisão, que nós ganhamos a batalha contra ela e fomos bem-sucedidos em extingui-la de uma vez por todas da nossa consciência. A imprecisão ainda está “viva” em cada novo grau do nosso entendimento: cheia de vigor e potencial para se tornar mais densa e expandir-se. Pode-se chamar o novo âmbito de “mais amplo” ou “mais profundo”, isso não interessa; o que interessa é que, no processo de aprendizagem, o próprio conhecimento se torna mais denso, que as limitações impostas pela imprecisão em um estágio do processo de aprendizagem foram transcendidas. O aprendiz logo encontrará as limitações que outro tipo de imprecisão impõe. Essas limitações desafiam-nos a persistirmos na nossa aprendizagem: a continuarmos a estudar ainda mais a imprecisão e testarmos o grau de desenvolvimento da nossa sabedoria, enquanto tentamos fazer a imprecisão “reinicializar-se” novamente.

Metodologia para Aplicar a Aprendizagem Sublime

Quanto mais os aprendizes sabem sobre si mesmos, maior é a chance de eles acionarem a sublimação do conhecimento em sabedoria. Como mencionamos nas seções anteriores, a ênfase da Aprendizagem Sublime está no estudo de nós mesmos.

A natureza humana é cheia de enigmas e paradoxos. Portanto, o conhecimento que temos sobre nós mesmos é impreciso (incerto, desconhecido, vago). A Aprendizagem Sublime não tenta eliminar a imprecisão dele. Eliminar a imprecisão seria equivalente a não apenas parar de aprender, mas também distorcer a nossa habilidade de perceber, de experienciar, de pensar, de sentir, de entender, de conhecer, de aspirar, de sonhar e de agir, pois a imprecisão é inseparável de cada um e de todos esses processos vitais para a existência humana.

Por meio da Aprendizagem Sublime nós tentamos criar (semear, facilitar) condições para a imprecisão mover-se do nosso conhecimento sobre aspectos específicos da nossa natureza e, assim, facilitar, energizar, fortalecer, alargar e aprofundar o nosso entendimento desses aspectos.

A seguir, está uma heurística para criar tais condições. Ela contém três fases principais.

Primeira Fase: Preparação

Essa fase inclui a aplicação de técnica(s) para aguçar a consciência individual do aprendiz por meio de esforços exercidos *deliberadamente*, isto é, esforços que têm suporte do poder da própria mente e da vontade, para um fortalecimento global da capacidade individual para percepção, experiência, sensação, pensamento, intuição, conhecimento. Exemplos de tais tipos de técnicas são as técnicas de relaxamento e de concentração, combinadas com práticas orientadas ao acionamento da sublimação do conhecimento em sabedoria:

- estar consciente e proteger a si mesmo de influências destrutivas e ilusórias do *Social* no *Individual*
- manter-se conscientemente conectado com a fonte inexaurível de forças do *Universal* que sustentam a vida
- masterizar (tornar-se mestre em) as técnicas de concentração e de meditação
- minimizar o poder do ego egoísta sobre a mente
- experienciar e ter percepção de amor incondicional
- nutrir o espírito.

Segunda Fase: Estudo

Essa fase apresenta um estudo cuidadoso das fontes, da natureza, das dinâmicas, das causas e dos efeitos da imprecisão embutida no entendimento dos aprendizes (experiência, pensamento, sentimento, conhecimento) de vários aspectos da sua própria natureza. Isso inclui dois estágios:

- (1) *Identificação* do que parece impreciso (incerto), para os aprendizes, no estudo de certos aspectos da sua natureza. Esse também é um estágio para investigar resultados de pesquisas de outros autores que estudaram aspectos similares, assim como estudar a sabedoria antiga.
- (2) *Concentração*: aplicar esforços deliberados para focar e canalizar a consciência individual no que foi identificado como impreciso. Esse é um processo de autoencontro (autodescoberta). O aprendiz vai mais fundo em várias experiências relacionadas aos aspectos estudados e interpretações (significados) dessas experiências.

Terceira Fase: Transformação

Durante essa fase o aprendiz tenta criar condições que facilitam a inicialização da imprecisão e retirar as limitações da capacidade do aprendiz para entender (pensar, sentir, experienciar, conhecer) os aspectos estudados da sua própria natureza. Isso inclui três estágios:

- (1) *Meditação*: exercer “esforços” complexos do corpo-mente-alma, que são *não-voluntários* (não controlados pela mente ou pela vontade de alguém), mas, em vez disso, pelas experiências *meditativas* (“deixar ir”) da calma, da paz e da integridade, que trazem clareza interior ao conhecimento do aprendiz. É na luz dessa clareza que a imprecisão relacionada aos aspectos estudados da natureza do aprendiz “se esgota”, dissolve-se, torna-se transcendente.
- (2) *Verificação Mental*: Essa fase lida com a questão: *A imprecisão identificada está transcendida (dissolvida)?* Se a resposta for “não”, a metodologia é aplicada novamente do início, com um reforço especial na fase preparatória e também no estágio (2.2). Se a resposta for “sim”, pode-se mover para o próximo estágio.
- (3) *Contemplação*: Essa fase lida com a seguinte questão: *O que se tornou claro para o aprendiz como resultado de transcender a imprecisão? Um novo significado emergiu, uma nova visão? Que tipos de pensamentos, comportamentos e ações a clareza alcançada evocou (estimulou, impediu, sustentou, levou a)?*

É importante enfatizar que, quando aplica a metodologia descrita, o aprendiz não luta contra a imprecisão para eliminá-la ou reduzi-la, mas, em vez disso, procura *interagir* com ela. As fases 1 e 2 ajudam os aprendizes a iniciarem “turbilhões” criativos no espaço do seu pensamento, do seu sentimento e da sua experiência. No processo de aguçar a sua consciência (estágio 2.2), enquanto está integrando os fluxos experienciais dos seus próprios estudos com o conhecimento e experiências de outros estudiosos, o aprendiz tenta centralizar os turbilhões criados. É na fase 3 que a força que emerge dos turbilhões torna-se tão intensa que o aprendiz é capaz de capturar alguns sinais sutis e já perceptíveis que anunciam a emergência de visões criativas ou novas descobertas.

Essa metodologia liga a Aprendizagem Sublime com as descobertas de pesquisa da *fuzziologia*: o estudo da imprecisão do conhecimento humano ([Dimitrov e Hodge, 2002](#)).

Exemplo 3

O nosso conhecimento sobre o fenômeno da morte está saturado com imprecisão (incerteza, ignorância). Apliquemos essa metodologia para expandir o nosso entendimento sobre esse fenômeno.

O primeiro estágio da Fase de Estudo revela que a fonte de imprecisão no nosso conhecimento da morte é a falta da nossa própria experiência desse fenômeno. O que intensifica essa imprecisão, o que faz dela densa e depressiva é o nosso medo de que a morte coloque um fim na nossa individualidade, no nosso ego com todas as suas conquistas, suas aquisições, suas aspirações e seus sonhos.

No segundo estágio da Fase de Estudo nós nos concentramos em diferentes visões sobre a morte e como essas visões afetam a imprecisão do nosso conhecimento. Nós lemos e contemplamos sobre o que os antigos pensadores disseram sobre a morte (particularmente no antigo Egito e no Tibet), o que foi escrito sobre a morte pelos pesquisadores envolvidos em diversas pesquisas científicas e religiosas. Nós estudamos diferentes ideias articuladas pelas pessoas envolvidas em várias práticas espirituais e particularmente os indígenas. Nós lemos o que diferentes filósofos e místicos compartilham sobre morte, consciência, existência, espiritualidade, imortalidade. Nós nos lembramos de romances, poemas e ensaios, assim como de filmes, peças, pinturas, composições orquestrais e músicas – todos relacionados com a morte humana ou com a imortalidade.

Na Fase de Transformação nós meditamos e contemplamos sobre aquilo que lemos e escutamos, sobre a nossa própria experiência com as pessoas que morreram na nossa presença. Os pensamentos e sentimentos que emergem dos processos de meditação e de contemplação oferecem visões de dentro das dinâmicas da imprecisão das nossas próprias ideias e das emoções relacionadas à morte. Eles nos ajudam a esclarecer que é o ego individual separado que mais teme a aproximação da morte. Se não houvesse um ego separado, não haveria razão para o medo: por que deveríamos pensar que a morte é uma experiência que causa medo, quando nunca passamos por ela? É óbvio que não se pode fazer nada para salvar a substância material do corpo (não existe imprecisão sobre isso!), mas talvez se possa ter sucesso em dissolver o ego individual antes do momento da morte.

Nós meditamos e contemplamos também naquelas condições de vida que poderiam nos ajudar a dissolver o poder do ego individual sobre a mente. Que tipo de comportamento, que tipos de esforços mentais, emocionais e espirituais são requeridos de nós para transcendermos os limites da consciência individual separada e unirmo-nos com a fonte de forças que sustentam a eternidade da plenitude existencial? Da mesma forma que o nosso Planeta Gaia é um organismo vivo, todo o Universo também respira e evolui. Não é a consciência de que cada um de nós é dotado ao longo do ímpeto evolutivo do Universo criado e sustentado pelas energias e forças responsáveis pela integridade atemporal da totalidade existencial? Claro que sim! Nós podemos expandir a nossa consciência e tornarmo-nos unos com a plenitude existencial? Então não haveria ego individual separado e, assim, não haveria ninguém para morrer. Claro, nós podemos, pois nós *somos* a plenitude existencial e embutido em nós está seu poder transformador. Tanto a vida quanto a morte são manifestações desse poder eterno. Enquanto ele existir (e ele nunca deixa de existir), nós também existimos. A verificação mental desse tipo de visões coloca uma segunda condição necessária (para sublimar o conhecimento em sabedoria) num contexto muito mais amplo: como liberar toda a nossa consciência do poder do ego. No estágio final da Terceira Fase nós enfatizamos novamente a importância crucial da meditação como vantagem para se avançar no caminho para a sabedoria.

Referências

Brunton, P. (1989) [*The Notebook of Paul Brunton*](#), NY: Larson Publication.

Bohm, D. (2002) [*Wholeness and Implicate Order*](#), London: Routledge.

Dimitrov, V. (1996) Dialogues with Sun, *Internet publication*, <http://zulenet.com/vladimirdimitrov/pages/home.html>.

Dimitrov, V. (2002) Introduction to Fuzziology, in [*Fuzzy Logic: A Framework for the New Millennium*](#) (eds. Dimitrov, V. and Korotkich, V.), NY: Physica Verlag.

Dimitrov, V. (2003) *[A New Kind of Social Science: Study of Self-organization of Human Dynamics](#)*, Morrisville: Lulu Press.

Dimitrov, V. and Hodge, B. (2003) *[Social Fuzziology: Study of Fuzziness of Social Complexity](#)*, NY: Springer.

Govinda, L. (1976) Creative *[Meditation and Multidimensional Consciousness](#)*, Adyar (India): TPH.

Jung, C. (1970) *[Civilization in Transition](#)* (The Collected Works of C. G. Jung, vol. 10) Princeton University Press..

Somerville, R. (2004) Yoga – An Orientation, *NOVA Magazine*, NSW, vol. 10. No12, February 2004 (<http://www.novazine.com.au/>).

©2004, V. Dimitrov